

organismo / n° 7

nelson maca
berimba de jesus
(orgs.)

FUNDAÇÃO
CULTURAL
ESTADO DA
BAHIA

fun-
ceb

Fundo de cultura



Governo do
Estado da Bahia

Secretaria de Cultura

PORTAIS	geilson dos reis	dinha
mariella santiago	bélico	ni brisante
nelson maca & mano teko	ba kimbuta	
	fabiana lima	TRANSVERSAIS
ENTRADAS	luna vitrolira	tatiana nascimento
david biriguy	bélico	kika sena
michel yakini		margô paraíso
giovani baffô	LIVRO IV - BECOS	mariella santiago
ba kimbuta	giovani baffô	nívea sabino
mano teko & nelson maca		renato negrão
	ARRABALDES	
LIVRO I - MARCO	jorge augusto	LIVRO VI - PARALELAS
landê onawalê	roge weslen	renato negrão
	geilson dos reis	
MAPAS I		HABITANTES
meimei bastos	LIVRO V - SUBTERRÂNEOS	kika sena
berimba de jesus	lidiane	dinha
pingo do rap		luz ribeiro
	ASSENTAMENTO I	fabiana lima
LIVRO II - CONTRAMÃO	michel yakini	
berimba de jesus	david biriguy	LIVRO VIII - SENTINELAS
	luz ribeiro	emanuelle aduni
MAPAS II	mariella santiago	
jorge augusto	ba kimbuta	JARDINS
pingo do rap		mariella santiago
michel yakini	Livro VI - JANELAS	daniela luciana
roge weslen	tatiana nascimento	bélico
		nívea sabino
LIVRO III - ATALHOS	INTERIORES	ASSENTAMENTO II
margô paraíso	kika sena	daniela luciana
	michel yakini	meimei bastos
CONVULSÕES	daniela luciana	nívea sabino
pingo do rap	david biriguy	mano teko e nelson maca
ba kimbuta	meimei bastos	
david biriguy	giovani baffô	
luna vitrolira	ni brisante	ALICERCES

NEGRO ORGANISMO

Foi através da arte o primeiro contato. Nelson Maca participando do show do Zinho Trindade e Berimba de Jesus gerenciando a casa noturna onde o evento acontecia. Apenas um “opa, e aí, tudo bem?”. O segundo contato já foi de trampo literário. A ponte novamente foi o Zinho, agora na condição de escritor do livro Tarja Preta, organizado por Maca e editado por Berimba para as Edições Maloqueirista. De lá pra cá, passou muita água nessa correnteza. Saraus, bate-papos, encontros, baladas literárias e performances na noite paulistana e soteropolitana. E eis os dois, aqui, preparando esse novo fôlego da revista Organismo, que confiou a curadoria à dupla.

Ambos acumulam uma boa experiência na literatura independente brasileira. Maca tem longo trajeto de militância no movimento social negro. Essa caminhada aproximou-o da literatura negra, tanto na leitura e escrita quanto na atuação como produtor cultural, pesquisador e professor universitário. Berimba é fundador do movimento de escritores Poesia Maloqueirista. Foi exclusivamente poeta de rua por vários anos, antes de se dedicar à edição, com o Selo Maloqueirista. Além de ser um homem negro, tal qual Maca, conheceu autores e autoras negras nas suas andanças de poeta de rua e depois como editor e produtor cultural. A amizade permitiu muitas trocas de ideias sobre as atuações de autores negros e negras em diferentes vertentes e ambientes. Maca traz informações acumuladas na militância direta e nos estudos literários mais sistematizados; Berimba, a construção de um vasto conhecimento da cena espontânea, na maioria dos casos, distante do movimento negro organizado.

Essa aproximação foi fundamental na construção do Manifesto da Literatura Divergente, assinado por Maca em 2010, e que foi a pedra de toque para o Encontro de Literatura Divergente, articulado por ambos. Até o momento, já aconteceram três edições. Todas em São Paulo. Dentro desse contexto de diversidade literária viva, já tinham vislumbrado a possibilidade de uma publicação com autores e autoras negras. Um encontro de textos que, a partir de diferentes pensamentos, posicionamentos, estilos e traços estéticos, formasse um painel que não negasse, porém extrapolasse a questão da militância ou

temas e estéticas tradicionais na literatura negra. Que ampliasse as possibilidades da linguagem sem perder o vigor da experiência de escrita da população negra.

A possibilidade agora se torna fato. A Revista Organismo número 6 é o primeiro movimento concreto da dupla rumo à reunião de autores negros e negras de diversas posturas éticas e traços estéticos numa mesma publicação. Convidado pela Organismo, Nelson Maca sugeriu compor sua dupla com Berimba de Jesus, que não hesitou em aceitar o desafio. De imediato, optaram pela lógica da literatura divergente. No entanto, elegeram um elemento que, ao contrário, servisse como eixo de convergência, aproximando os possíveis convidados. Como ponto de partida, decidiram estabelecer o recorte racial dos autores e autoras e as formas em verso como paradigmas únicos e centrais. Dos fundamentos da revista, herdaram a estratégia de equidade entre autores e autoras da Bahia e de fora.

Dessa forma, chegou-se a um conjunto de vinte e oito nomes, incluindo os organizadores. De um lado, pessoas nascidas ou com laços concretos com a Bahia; de outro, presenças de várias localidades. Autores e autoras lembradas e convidadas a partir de contatos prévios ou sondagens feitas por Maca e Berimba. Buscou-se efetivamente a diversidade nos traços pessoais e literários. Privilegiou-se autores vivos e atuantes, oriundos de diferentes possibilidades verbais como letras de rap, funk carioca, slam poetry, música popular e “poesia propriamente dita”.

O panorama apresentado nesse número da Organismo é bastante expressivo na diversidade de pontos de vista. A coletânea reúne um conjunto que vai de adolescente de dezessete anos a autores e autoras experientes e reconhecidas. De olhares que perpassam experiências de classe e gênero. De professoras e professores do ensino fundamental ao ensino universitário. Faz a aproximação de artistas do rap, do funk carioca e da música popular. Há pessoas que cumprem também a função de organizadores, curadores, editores e mesmo financiadores da literatura que acreditam e comungam.

Os organizadores têm o orgulho de trazer textos com vozes da negritude na sua totalidade - inclusive com caso de autodeclaração devido à tonalidade

mais clara da pele do autor. Há textos com voz negra privada da liberdade, de mulher negra trans, gays negros e lésbicas negras. Há vozes oriundas do amplo movimento da oralidade negra contemporânea. São experiências de corpos ativos nos saraus independentes e slams brasileiros. Uma tentativa de trazer para a página traços da potência que se manifesta em suas performances no palco, no tablado e na rua. Também há textos de vozes que se expressam exclusivamente na escrita.

Enfim, há uma preocupação em buscar experiências poéticas da negritude brasileira atual, tendo a multiplicidade de vozes como alvo essencial. A opção pelos 26 nomes convidados foi bastante complexa. Em hipótese alguma, deve ser pensada como escolha de valor único e muito menos como excludente das vozes que não aparecem nesta edição. Muita gente admirada pelos organizadores - inclusive parceiros de escrita, palco e projetos - não estão presentes.

Numa primeira reunião de possíveis nomes, constavam aproximadamente 50 possibilidades, indicando que a escrita negra brasileira merece um olhar atento dos leitores, professores, pesquisadores, críticos, editores e apoiadores. Precisa motivar empreendedores. Constar como paradigma na construção de políticas públicas no campo da leitura e da formação do leitor. Deve ser considerada na determinação dos fomentos, a exemplo dos editais e demais projetos de publicação e distribuição. Na seleção de material didático, no currículo básico de algumas disciplinas e conteúdos de concursos.

Existe uma literatura negra pulsante, que não pode ser invisibilizada, rebaixada, menosprezada ou subestimada. Nelson Maca e Berimba de Jesus almejam, por mais relativo que isso possa parecer, que sua parceria com a revista *Organismo* seja parte desse chamamento de atenção para a consistente produção literária negra independente do Brasil atual.

Ana Cristina Pereira
Jornalista

PORTAIS

EBÓ

Jogue o dinheiro na estrada
Na frente do caminhão
Sete vezes nada nada
Jogue as chaves na fogueira
Num dia de sexta-feira
Entregue sua casa ao tempo
Se banhe na cachoeira
Se esqueça do pensamento
Só faça o que te arrepia
Nada para sete nada
Tendo a morte companheira
Viva sem contar os dias
Nada para tudo nada
Nada para tudo nada
Deixe a febre te subir

Jogue o dinheiro na estrada
Na frente do caminhão
Esfregue azeite nos seios
E alfazema nos pés
Sete galhos de aroeira
Sete dias sem dormir
Só amando a noite inteira
Deixe a febre te subir

Nada para nada nada
Nada para nada nada
Deixe a febre te subir
Nada para nada nada
Nada para nada nada meu amor
Vê se encontra um pano branco
E pinta de qualquer cor

Jogue o dinheiro na estrada
Na frente do caminhão
Sete vezes nada nada
Jogue as chaves na fogueira
Num dia de sexta-feira
Entregue sua casa ao tempo
Se banhe na cachoeira
Esqueça do pensamento

QUILOMBO FAVELA RUA

I

Mensagens rebeldadas
rebeldias digitadas
formatadas nas quebradas
postadas nas encruzilhadas

Enviadas a filhos diletos
netos de avós inquietos
bisnetos de bisavós insurretos
tataranetos de outra história

Meu ego black incorpora
memoriza a trajetória
linka a página da memória
acessa meu negro fugido

Creio mesmo não duvido
Exu compartilha comigo
mensageiro atrevido
cutucada ao pé do ouvido

Pedagogia griô
arquivo correio nagô
galo que sempre cantou
dendê no padê da cultura

Quilombo Favela Rua
quem navega configura
conexão concreta segura
comunicação pela cura

nelson maca & mano teko

II

Papo reto, nosso
vou te passar a visão
já que a real não se vê na televisão
essa mídia tem um lado
ser porta voz do Estado
como muitos nos ferrando
se passando de aliado
É chegada a hora
os divergentes se juntar
partimos pro caô
não há quem possa segurar
o problema não é meu, nem seu
é nosso, não sabia
punhos cortando o ar
mostram não somos minoria

Hoje o
Quilombo vem dizer
Favela vem dizer
a Rua vem dizer
É nós por nós

ENTRADAS

EM DEFESA DE UM POEMA SEM CABRESTO

pela poesia longe das gaiolas
pela poesia que cospe fogo
pela poesia que traz radiolas
pela poesia que traz o novo
pela poesia dita nos bares
pela poesia que parece míssil
pela poesia que vaga nos ares
pela poesia que não é difícil
pela poesia sem ditadores
pela poesia sem impostores
pela poesia sem panelinhas
pela poesia que é pela poesia
e não participa de rankings
grito pela poesia de todos os dias

david biriguy

POEMISSÃO

...desenzalar
a cognição, desacoturnar
as veredas,
desconhecer as fardas
e desenquadrar as
esquinas,
aguçar as teias,
esparramar pigmentos
plantar nas brechas da carne
encrespar
as espirais,
me aquilombar
na confluência malunga,
me umbigar nos quintais
como semente forte,
fecunda
receber passes
de agrado e segredo
me nutrir da doçura
dos grandes pequenos
amar...
com mais cor,
escurecer a
afirmação
pra firmar os vestígios,
aquecer os silêncios
de vida e presença
aos que virão.

michel yakini

ISSO NÃO É UM POEMA

é o ronco de um Bulldog Inglês
mais um cão com nome de músico de jazz
ou
carro antigo

Monk
bate asas de piano no Oceano Índico
inventores de naufrágios admiram aviões
concorde ou não luas são deuses sem atelier
a cerveja Heineken é a água da vez –
confirmam

enfeites serão trocados por
confetes
as palavras raras não interessam
topázio trapézio trampolim pretendo usá-las
sábios telefonam para o ontem celofane aposentado

domésticos furacões
nuvens de sangue

dentro da noite de ampa
Cães só acompanham mendigos

salvos do assalto
burgueses se arriscam de paraquedas proletários

o som nasal é branco
nas ruas serpenteiam quinas
e tiram fotos 3x4
as baratas só estiveram por baixo
- por isso perseguem sombras e evitam solas

- pelos flancos – gritam generais de asfalto
motoboys ex-ladrões artigos não raros
acendem faróis no meu crânio.

ESCREVO O QUE EU QUERO

(Baseado em Steve Biko)

Imagina
um carro sem motor

faltando água na hora mais precisa
nas máquinas a vapor

Vai!
Imagina!

Hoje não vai ser cruz nem catequese
no canto de luta de Serafina
Enfrentou o fronte
dançando do outro lado prepara a chacina
ascende o cachimbo

É lampião lamparinas
espancaram os meninos violentaram as meninas
De olho no ouro guardado nas minas

Inquisição cruz
luz para os desiluminados
Queimaram pessoas vivas e nem se sentiram culpados

Senta na mesa que
hoje tem cardápio quente

Abre o mapa e retalha o continente
Marca os gados com cruz!!
E se não de vem corrente!
Não tem alma só carne avalia os dentes
Apaga história viva antes da invasão
Traz história morta comemorando data de humilhação

Não!

Deus ajuda?

Não ajuda!!

Deus bençoa?

Não bençoa!!

Ele esqueceu de passar por aqui.

APOLOGIA

I

Vieram falar que, na visão deles, funk não é cultura
que o gosto da elite determina o que é, o que não é legal
cansado dessa merda, acordei, mudei minha postura
esse espírito de luta tem que contagiar geral
cada vez pior, associação da violência à favela
que filhos da tv apóiam a barbárie
sem querer saber o quanto é mal
agravante maior é camisa errada que pintaram dela
e ver cria vestindo, achando isso normal
Compreendi e escuto dizer que o caô está na linguagem
que mc's fazem apologia e bondes falam só sacanagem
O caô não está só aqui
e é aí que eu fico bolado
pra eles está na origem:
preto, pobre, favelado

O meu som é de lá
da favela
eu também sou de lá
da favela
perguntaram quantos nós somos, somos um só
somos parte dela

II

Andam mesmo dizendo que canto de preto é apologia
que o braço de ferro da elite corta a febre da periferia
do alto dos morros do Rio às baixas que se vê na Bahia
meu poema adverte é quente o chumbo do cano da covardia

O mc do Irajá nos mostra que a favela revela sua bela cultura
que cá como lá o Axé do tambor é quem nos estrutura
na sofisticada levada que embala sua negra escultura
é de aço osso que sustenta o fogo da arte escura

Pois é Mano Teko eu também sou de lá nasci na favela
quem me vê fora não imagina o quanto estou dentro dela
nas encruzilhadas ensimesmadas volto sempre pra ela
então tá tudo certo minha voz no teu funk é fogo na vela

LIVRO I - MARCO

ADEMÁS DE LA SIERRA

(para faguagua, moore y e carbonell)

llegamos al fim de la história!
pero...
aún viejo los negros...
¿que hacer?

SANKOFA

território é o que carrego em mim
e me transporta
para onde eu vim

GENOCIDA

a polícia sabe onde atirar
não é no alvo...
a mira é um ponto preto
colado em sua própria retina

DITADURA BRANCA

no brasil, a ditadura
nunca se extinguiu
para a gente da pele escura
a anti-lei
o falso indício
o sumiço
a tortura

CHECK-IN

gotas do orun abertas sobre a mesa
um afago nos otás, a vela acesa
e as palmas dos obis me dizem: sim
check-in!

BABAOBÁ

um pai deveria ser qual baobá
nos ver nascer e morrer vezes sem conta
à sombra da integridade
protetora
pronta

SERERÊ

morrer não é ir além
mas ali

é tirar férias de si

MAPAS I

EIXO

tinha um Eixo atravessando o meu peito,
tão grande que cortava minha alma em L2
Sul e Norte.

uma W3 entalada na garganta virou nó.
eles têm o Parque da Cidade.

nós, o Três Meninas.

eles, a Catedral.

nós, Santa Luzia.

eles, as Super Quadras.

nós, a Rocinha.

eles, Fonte Luminosa.

nós, Chafariz.

eles, Noroeste.

nós, Santuário.

eles, Sudoeste.

nós, Sol Nascente.

eles, o Lago Paranoá.

nós, Águas Lindas.

sou filha da Maria, que não é santa e nem puta.
nasci e me criei num Paraíso que chamam de Val
e me formei na Universidade Estrutural.

eu não troco o meu Recanto de Riachos Fundos
e Samambaias verdes
pelas tuas Tesourinhas.

essa Bras(ilha) não é minha.

porque eu não sou Planalto,

eu sou periferia!

eu não sou concreto,

eu sou quebrada!

TRAGÉDIA PAULISTANA

Jabaquara conheceu Conceição / que foi apresentada por São Judas / o qual dizem que é santo / os dois com Saúde trabalharam na Praça da Árvore / na Santa Cruz se casaram / e foram morar na Vila Mariana. / Conceição pariu Ana Rosa e tudo foi um Paraíso, / só que, Conceição conheceu Vergueiro / que foi apresentado por São Joaquim / o qual também dizem que é santo. / E ela traiu Jabaquara na Liberdade, na cara larga. / Para se vingar Jabaquara foi a um puteiro e conheceu a Sé, / que foi apresentada por São Bento, / o qual, também dizem que é Santo. / E a Sé deu a Luz / a Tiradentes e Armênia. / Jabaquara discutiu com Conceição pelas bandas do Tietê / e injuriado matou Conceição afogada. / Foi parar no Carandiru. / Santana, irmã de Jabaquara, / ficou com a Sé, / assumindo Ana Rosa, Tiradentes e Armênia, / e foram todos morar no Jardim São Paulo. / Mas num belo passeio de domingo pela Parada Inglesa, / todos morreram atropelados na linha um azul do metrô, / e foram enterrados como indigentes no Tucuruvi.

QUEBRA CABEÇA

A vida com certeza é quebra cabeça
E também a melhor escola com certeza
A criação que eu tive eu acho que deu certo
Ai que vontade de ter minha vó por perto

Vida humilde um pouco da infância perdida
Paz amor arroz feijão nunca faltou na vida
Mercede iate dolar euro não me corrompe
Nem tudo compra com grana tem que mostrar que é homem

Inimizade só traz atraso de vida
Fazem o que fazem nossa gente ainda é unida
Paz liberdade realmente tem que ter
Em todas comunidades só depende de você

Rocinha Alta Vidigal Salgueiro Jaca
Lucas Vigário Urano Vila Marta
Vila Cruzeiro Acari Camará Dendê
E as demais comunidades vive à fortalecer

O que tu acha promove a paz com sangue
Mostrar que acha o nosso povo ignorante
Até concordo que não somos estudados
Mas achar que somos burros aí já pegou pesado

É favela com certeza quebra cabeça
E também a melhor escola com certeza
A criação que eu tive eu acho que deu certo
Ai que vontade de ter minha vó por perto

LIVRO II – CONTRAMÃO

berimba de Jesus

Sábado

nas ruas
pessoas andam se atropelando
em compras
passeios
nos seus carros perdem a vida
o rasta bêbado deitado
na Cardeal
me lembrou Malagueta
depois de uma noite rodando mesas de bilhar
com o seu sorriso banguelo
prometia
chegar em casa
dar um beijo na nega
e dez reais
pra ela fazer a feira

no sentido contrário,

minha gente anda
contra a parede,
numa pobreza esperta.

Sensatez

paixão de um dia
não falta com respeito

MAPAS II

RUA BARÃO HOMEM DE MELLO (Ladeira da Montanha)

Se improvisam sóis na
geometria nublada
das nuvens cinzas

como a colorida vida
que vibra :
no preto-branco de Verger

“ antes prostituta cobiçada hoje Mãe Preta acolhe os proscritos da Montanha”
(J. Correio da Bahia)

na estética fragmentária
da cárie do tempo
roendo cimentos:

nos escombros, ruínas de castelos,
pedaços de muralha
certa comoção na história cristalizada

“a evidente deterioração física não consegue ruir o fascínio que a ladeira
provoca em todos. Quem enxerga o local repulsivo mesmo assim esboça
uma atração às avessas”
(Pablo Reis, repórter)

na vitalidade d’um mangue
seu ecossistema de restos e dejetos,
d’onde a vida germinando um lótus,
o trama, de dentro de dentro
das estruturas de lama

no céu reflexo que são os gerais abertos
paisagem do nada
chão paralelo do teto, cheio de desertos

A Ladeira da Montanha é prenha desses códigos:
mais do que
arqueologias indecifráveis de belezas

“mais do que as lembranças de gerações que viveram as melhores noites em famosas boates. É mais do que a visão arquitetônica para criar uma imponente ligação entre a cidade alta e a cidade baixa. É mais do que o gosto amargo da decadência e o cheiro sufocante da miséria. Consegue ser maior que o clamor pela revitalização e o reinante mercado do sexo que chega a aceitar R\$ 5,00 como preço da submissão corporal”
(jornal Correio da Bahia 02/01/2005)

entre putas, ratos e escombros...
o signo daquilo escapa invicto
ao olho distraído

inversa a lógica de qualquer cronologia
lá reencarna-se dia-a-dia
sem orixás, santos ou magia

“...O projeto de revitalização, da Montanha, prevê a reforma dos casarões antigos para a instalação de bares, restaurantes e pousadas no local.”
(por Hélio Rocha, repórter)

assim são, o avesso, da morte nascendo
a cada diária, sina da batalha que se trava
entre a vida e o nada

são o verso, antônimo da vida
com suas casas carriadas, a risada das putas,
as encruzilhadas, suas chagas, noites e noitada

“ nem o caminhar aos 150 anos, nem arquitetura antiga, nem a história do lugar , nada é suficiente ao tombamento da montanha?, querem é vender a montanha aos empresários, em vez de construir lá museus e teatros... transformá-la em herança cultural...”

(...depoimentos de soteropolitanos)

a Montanha, erguida em sua arquitetura de pobreza,
por engrenagens e maquinismos da vida
e suas tristes tecidas teias

acha dendo escuro luto uma luz qualquer que vaza:
vela, córnea, poste, lanterna...
que acesa dentro da treva
faz as vezes de um sol, às avessas

porque raia intestina
quando a vida ávida de si, instintiva se manifesta

- ecoando gargalhadas da própria desgraça

BARRACO NO MORRO

Quem é você pra falar dos meus erros
Tu não me conhece não sabe quem sou
A luta que tive a fome
Que minha família passou

Onde estava você na hora do perrengue
Porque você não tava lá seu doutor
A sociedade hoje fala de mim
Mas ninguém me ajudou

Todo mundo fala que eu ando armado
Mas ninguém fala que já tentou me matar
O tempo em que o rodo subia o morro
Pra assassinar

E eu na favela botando o terror
Pra matar os moleque pegar o dinheiro
Desculpa doutor pra chorar minha mãe
Chora a deles primeiro

Lá no morro o barraco na chuva descia
Mamãe lavadeira trabalhava em casa de família
Papai desempregado piorava a situação
Alcoolizado da rua sempre de agressão

Eu

Não tive chance
Pois não nasci herdeiro não
Só fiz o que achei certo
Peço a deus o perdão

Era assim

Era assim que o moleque dizia
Era assim que o moleque falava
No beco de uma favela
Pro repórter que o entrevistava

MAPAS DE ASFALTO

há tempos que o céu
das beiradas
acorda cinzento

as pedras ficam intactas
endurecendo vidas
pelas esquinas

a esperança passa
como ventania
pelas ladeiras

e o asfalto grita
denunciando
mentiras vencidas

são heranças de uma
cidade açoitada
em silêncio

nos mocambos de hoje
germina a resistência
do amanhã

em cada quintal
um trançado
autoestima se firma

no olhar da molecada
vejo uma trilha
sedenta de história

michel yakini

é batuque,
rodeando as intenções,
cravando horizontes

grafitando nos
muros, poemas
da nossa virada

declamando ação,
sacudindo vozes

e na espreita das ruas
ecoam as rimas
num versar ritmado de
Redenção!

UM CERTO TIPO DE VIDA

as máquinas funcionam enquanto
não despenca o sol & a lua não
se impõe como eterna noite
da civilização
neste exato momento um amigo
meu está em alguma parte do país
espalhando metodicamente linhas
de anfetamina sobre uma mesa branca
na sujeira de todos os quartos do mundo
ele muito provavelmente tem alguns
cigarros & vinho & Songs of Love and Hate
tocando no youtube
enquanto isso solto um catarro verde espesso
na pia do banheiro onde todas as manhãs
a vida se mostra irreconhecível
sóbrio triste doente como
meu país: uma locomotiva para a falência das revoltas
eu sonho com Roberto Piva em algum parapeito
profetizando o século robótico que nos condiciona
direita esquerda centro conservadorismo comunismo
& uma frieza incontestável nos lábios
de quem possui a palavra
que posso fazer a não ser desnudar por completo
O CORAÇÃO ANÁRQUICO DA VIDA?
comer queijo de búfala & beijar meu amor que ainda
não conheço
planejar dilúvios & tempestades
substituir os homens de terno dos ministérios
por loucos visionários com olhos de inferno
recriar no imaginário sagrado popular
a ararinha-azul que acaba de ser
extinta
que posso fazer acerca de tudo isso se

a única rebelião que me interessa é
a dos corpos: sangue pulsante
a carne renegando o frio das ruas
rendendo-se ao fogo à chama
azulada que o amor assume
quando pleno êxtase corporal
está é a única revolução sangrenta
que instiga meu tesão
È fale tudo absolutamente tudo que
a boca puder falar
a poesia não serve para o possível
por isso às duas da tarde eu estou no
ver-o-peso tomando cerveja barata
È o que me levanta toda manhã
senão a paixão que vem dos
trópicos
a febre dos dias?
dedico todo meu tempo È amor
para as coisas sem importância
a intensidade disso tem me levado
a lugares onde o medo não é
permitido a não ser por
uma total dissolvência dos sentidos.

LIVRO III - ATALHOS

marçô paraíso

DEUS ME DISSE:

engole essa palavra sagrada
enverga a cara
e corre mundo cuspiendo.

FOI CAMINHANDO NA RUA

que ouvi o grito
do espelho
- De tu, não sou imagem e semelhança

Chorei
ele rio

Chorei
ele mar

Corri o quanto sonhei

Carrera nenhuma bastava
em todo espelho era aquele riso que me precedia

PEDIDO DE FÉ

Clamo aos pastores
a devolução
do meu pau.

Cajado que me conduzirá por terras sublimes.

RESOLUÇÃO BUROCRÁTICA

Existo mulher com muita dificuldade,
mas fácil seria ser homem
era só expelir meu pinto
e furar livros.

ALMOÇO COM PAPAÍ

Do outro lado da mesa
Ele não sabe de mim

Eu menina de ontem
Que há tanto quer ser homem

Cansada de ser assim
Menina

Oh! Deus do céu,
Me faz crescer um pinto no meio da noite.

DE HOJE

É chegado
É Lourenço
É mapa de três
É teu presente
É tua coragem
É tua cara de gente

É minha satisfação

CONVULSÕES

NA VACA MAGRA

Na vaca magra eu vestia a camisa
E fechava contigo
Arrumei briga pra não ver ninguém
Falar mau do amigo

Olha que o mundo dá volta muleque
Então se liga no que eu vou te falar
No tempo que tu andava de fusquinha
Eu estava lá te ajudando a empurrar

Eu não tô te jogando na cara
Isso é só um alerta pra você
Se liga nos seus erros garotos
Veja só o amigo que tu vai perder

De repente hoje não te faz falta
Tá cheio de gente pra te abraçar
Mas se um dia o dinheiro acabar
Eu quero ver quem é que vai sobrar

Dinheiro muda as pessoas
Olha só como é que é
Hoje tu anda cheio de marra
Esquece do tempo que era da ralé

É

Muda as pessoas
Olha só como é que é
Hoje você se desfaz dos amigos
Esquece do tempo que era da ralé

Você perdeu o tubão
Perdeu a moral

Hoje tu tá sem razão
Pois pensa que é o tal

E tu perdeu o tubão
Perdeu a moral
Hoje tu tá sem razão
Pois pensa que é o tal

QUADRO TORTO

Ou vive logo a vida vive que eles nem atura
Favelado loko que assume uma postura
De black embarçado com nojo das viaturas
Fora das estatísticas dentro da conjuntura
Ele é reboco fino que a parede nem segura
Nuvem enegrecida que descontrola a chuva
É o quadro torto que não encaixa na moldura
É tipo a noite escura contrastando a lua
Elaborando o plano pra aplicar na nossa luta
Vem filho da p... a rua não é sua
Muito menos o tempo
Devolve nossa parte que não tá no testamento
Tática de guerra pra acabar com o sofrimento
Tombar o inimigo tem que conhecer por dentro
Não tem outro jeito
Sempre fui suspeito
A base da mudança só vem do conhecimento
Só não vem pedir pra mim amenizar
Uma das missões pra mim nesse lugar
É pôr os boy em choque pra ele acreditar
tomando tudo dele
pra socializar
Dividir na favela quem sabe igualar

Hem!!
Você quer o quê?
Quer viver
bem?
Se sentir
bem?
Estudar
bem?
Quer comer
bem?
Os meus também!!!

Eu tentei te avisar sobre as intenções dessas pessoas de bem,

essas bem vestidas, arrumadas, perfumadas, brancas e limpas
eu te disse que vi uma delas atirar em um catador de papel covardemente
eu disse que vi tantas delas dizerem que preto não é gente
eu te disse que vi muitas delas
acusando uma moça por ser estuprada por mais de trinta homens
eu te disse que vi várias delas arrastarem uma vendedora de água pelo
asfalto
eu tentei avisar tantas vezes
usando a frase da minha vó que dizia
que quando a esmola é demais o cego desconfia
mas não me deram ouvidos
e quando pensaram em dar
já era tarde demais

GOLPE

faz tempo
talvez séculos
eu vi animais fardados
como se em guerra
atirando para todos os lados
nas mãos uma bandeira
não havia ordem
não havia progresso

na terra do vale a pena ver de novo
tudo que reprisa da ibope

e vira sucesso

CARNIFICINA

Bebam o último cálice do nosso sangue, senhores!
Bebam o último cálice do nosso sangue
Em suas nobres taças de cristal fino
Degustem o gosto doce do amargo de nosso corpo, senhores!
Em seus caríssimos, secos, vinho... tinto
Depois, dê gargalhadas de embriagues
Julguem-se burguês
Alimentem essa merda dessa supremacia racial
E digam que só os brancos estão nas elites
Porque só eles é quem tem potencial.
Brindem a miséria, a desgraça, a tragédia alheia, leia
A notícia no jornal
Contemplem o nosso índice de morte
Sentados no seu luxuoso risort
Ao lado de um envelope que guarda o seu passaporte
Voem para a Europa, para a América do Norte
Construam uma nova bomba
Fabriquem uma nova química
Criem novos mosquitos e assinem com as indústrias um novo recibo
Não sejam sínicos, senhores! Não sejam sínicos!
Abram o primeiro, o segundo, o terceiro, o quarto, o quinto, o sexto
Abram o sétimo selo, soltem todos os cavalos
Preto, branco, amarelo, vermelho
E façam cumprir as profecias, apocalípticas, que vocês escreveram
E que justificam a nossa falta de direito
Vai, senhores!! Larga o último tiro no meu peito
Sempre existe uma bala na agulha programada
Para um índio ou para um preto
Devora a carne negra, devora a pele vermelha
E riam, riam com o sangue dos inocentes escorrendo entre os dentes
Pois é assim que vocês se sentem mais nobre
É assim que vocês se sentem mais bonito
É assim que vocês se sentem mais gente e mais inteligente

Bebam o último cálice do meu sangue, senhores!
Em suas nobres taças de cristal fino
Degustem o gosto doce do amargo do meu corpo
Em seus caríssimos, seco, vinho tinto
Depois, dê gargalhadas de embriagues
Julguem-se burguês
Alimenta essa merda dessa supremacia racial
E digam que elite, no Brasil, só os filhos de Portugal
Porque eles são mais humanos
E tem mais potencial
Carnificina, senhores! Carnificina, carnificinaaaaaaaa!!!

HOMEM BOMBA

Infiltração no teto má influência na mente
Por favor quem são os certo socorre a gente.
Qualquer coisa pra saciar minha ansiedade
Na verdade nada acontece
Nada passa por aqui
Qual a próxima cena que vai pagar
Haverá continuação
Os episódios irão se repetir
Quem tem medo corre quem
Tem fome torce por mais um título
Pele escura sem dente
Sem identidade
E sem curriculum
Onde estão os santos e deuses
Por onde andam eles
Tô casando de viver de joelhos
Eu avisei e ainda assim você apontou o dedo pro espelho
Vir pra cobrar e tô na bruxa
É justo que eu só queira os lucros e um piloto de fuga
Me deixe revoltado como um mar que não tá pra peixe
Além do mais foi vc quem pediu enfim
O homem bomba explodiu

PAÇOCA

Fui comprar um pão
hoje cedo
na padoca

Cinquenta centavos
vê o resto
de paçoca

O padeiro estressado
irmão
quase que me soca,
deu tapa nas costas

Que que foi?
Perguntei!!
Eu não entendi
fi
e não tou sacando

Ele respondeu
É cê tá embaçando
cinquenta centavos
quer o troco
tá tirando

Olha o seu perfil
fê,
vai bolar os planos
mete logo os canos

Eu só fui olhando
meu zóio avermeiando

Hei pangaré?
É você que tá panguando!

Tô em outros planos
sim
estou investindo
em mim
em conhecimento sim

Fui saindo pela porta
pode ficar com pão
e a paçoca
você soca.

KKK UMA DESGRAÇA

Na Rua,
Na rua eu vejo poucas,
vocês são tudo de boca.
Em Judas e Barrabás é tiro a queima roupa.
Pelo preto no poder, pelo poder ao povo preto,
jovem periférica e diretamente do gueto.

Sempre na ativa, sativa que cativa, mandinga e baratino
já é nossa rotina
se pega na aspira ou na cocaína, quer ser super herói
e acabar como curinga.

Movimente sua quebrada com ação comunitária,
autonomia do seu povo é o que te torna visionária.
Me lembro de Assata, guerreira refugiada,
preta linha de frente nessa guerra declarada.

Militância, esforço e disciplina, nesse movimento
eu ainda sou menina
respeito os griô e suas pedagogingas,
preferir beber da fonte, água cristalina.

Vocês,
Vocês falam que Nega Fya se acha demais.
Escuta só:
Babilônia Salcity, onde poeta Marginal vive no limite.
Não teste,
as preta é pra frente na rima que escreve,
nordeste, descreditaram,

Selva de pedra, 2016, mostrei que tava no jogo
e fui pra jogar a vera.
Peça clemência, 22 anos sendo Resistência,

do churrasquinho ao picolé, vários veneno,
eu já fui um zé,
eu sou um zé, um zero à direita,
levada venenosa violenta.

Nós tem pra trocar com os racista,
pisar na cabeça dos racista do Marista.
Pode ter certeza que de hoje em diante você vão ter medo
de buceta preta.
Mais que teoria, nós é prática,
poesia que arrebatata até sua alma,

KKK uma desgraça,
KKK uma desgraça,
eu quero ver vocês acharem graça quando corpos brancos
aparecerem pendurado na barra

NA PARADA DE ÔNIBUS

eu me recuso a ler notícias tristes
pois que me importa
se alguém morreu atropelado
levou uma bala perdida
ou não sobreviveu a um transplante
se mais um menino negro morreu de pau
se uma velha caiu de cabeça
se uma criança foi estuprada
ou se em nome de deus
mais uma mulher foi
castrada apedrejada degolada
eu me recuso a ler notícias tristes
a vida já não tem tanta importância
é golpe assassinato tiro bomba de gás assalto
todo tempo tem gente morrendo minha querida
e o que tudo isso tem a ver com minha vida
com minhas contas a pagar
ando cheia de dívidas
e ainda tenho que me preocupar com almoço
dar banho nos meninos
de quem é a culpa se aquele fotógrafo
ficou cego de um olho por cruzar
o caminho da polícia militar
se um menino morreu esfaqueado
numa escola no paraná
se lésbicas trans, marielles e mirellas morrem
pelas mãos dos homens
se a cada 28 horas um gay  assassinado
se um negro foi preso no rio de janeiro
por portar água sanitária

era granada?

veja lá se posso
mas é negro morador de rua fazer o quê
aécio tá solto minha filha
a gente é que vai continuar morrendo
de fome com temer no poder
tiraram a mulher tá vendo
votar pra quê se ninguém respeita o povo
aqui nesse país parece que só se sabe roubar
tá todo mundo cheio de conta gorda na suíça
enquanto eu tenho que dividir um pão pra três
o povo brasileiro é que nunca teve vez
eu já tive a sua idade já lutei como você
perdi amigo primo perdi muita gente
quem tá na linha de frente
não sonha em voltar pra casa
notícia triste atrasa
eu que não tenho tempo pra perder
já tenho idade
daqui pra frente a minha estrada é que é curta
e quem vai chorar quando eu morrer
nem vou virar notícia
já disse quem se importa
morremos todo o dia
todo o dia esperamos renascer
ainda que a vida não tenha a menor importância
eu me recuso a ler notícias tristes
porque os dias passam
inevitavelmente
e com eles as notícias
se tornam apenas mais um corpo
de nossa gente morta

ONDE O ESCURO INCOMODA

Falta um pedaço de mim
Aqui o colorismo me fode
Agora tudo é preto
Agora tudo é preto
Eu escuro
Quer ser dono do meu berço?
Nunca
Você não é preto
Tá claro
Agora preto
Não me fode claro
Não me fode claro
É claro
Perto de mim
Tu é branco pros brancos
Brando
Tu não preto é claro
É claro
Fato
O sangue que corre não é claro
É claro
Escuro com os fatos
Estatísticas de fato
Não claro
Não claro
Escuro como as ruas
Na próxima esquina eu te mato como um branco seu claro
E meu inimigo era o branco
E vc é preto de fato
Privilégios são claros

LIVRO IV - BECÔS

giovani baffô

A maior dor do Sol

é não poder sair à noite

Em casa

De menino de rua
O último a dormir
Apaga a lua.

Caída a goiaba

bichos procuram
uma nova casa

São Paulo é um trator

que só pega no tranco

O quadro político no Brasil

é um recorte de caderno
pra Collor rir

ARRABALDES

MINIBIO 2

partiu como as pernas
do atleta na fratura exposta

como o galho da árvore rompe
obeso da força de gravidade

partiu ao meio a cara do canalha,
como se abre a carne na navalha

partiu para nunca mais voltar
como minha mãe aos 49

de repente sem adeus nem ohevoir
como o personagem da novela das 9

partiu como a garrafa de cachaça
despedaçada no chão da casa

como a memória de meu pai
vagalumeando na distância do cais

partiu como as paredes da sala
riscando varizes de concreto e massa

como meu amor: direto para europa,
sem postal nem bilhete de volta.

tudo partido a vida inteira em cacos
mas a rima liga o distante e os pedaços

na foto pareço intacto mas voaram os
estilhaços o q se vê inteiro é um efeito

do vazio, bucaro. negro conjunto de cacos
uma metonímia do objeto pelo pedaço

POEMA SEM NOME

úlceras na pele
deuses leprosos jogados no divã
picadas na veia
benzodiazepínicos
opióides
espalhados pela mesa

esta vida que turva o sentir

a memória ácida
descendo a garganta

anjos de asa arrancada
pelo limo temporal
o tédio santo

preso em paralelas insone
sorrisos soltos de sentido
olhos azulados visando o
segredo das traças expostas
de nossa canção mais íntima

seria explodir em ti minha
arte mais verdadeira meu
lirismo mais diletante
o cantar mais melancólico?
meu tambor dos destinos!
seria resistir minha última palavra?
traço teias melódicas entre a vida e a morte
destruo as frágeis elegias do tempo
rasgo todas as odes aos vagabundos
que a miséria beatificou
cuspo na singeleza de almas perfumadas
nunca se deve aplaudir autoridades.

DIGOUBEL! DIGOUBEL!

Papai do céu, mande por papai Noel
Um prêmio nobre
Para os carentes, os corruptos e os mentirosos
Os falsos hipócritas
Tão cheio de ódio e sangue nos olhos
AAAAh! Digoubel! Digoubel!
Papai do céu, mande por papai Noel
Mel para o fêu
Luz para o escuro
Limpeza para o sujo
Amor para dor
Para não ter que eu
Falar de novo, triste e cansado
Esse inútil feliz natal e esse amargo
Esse amargo próspero ano novo.
Vem minhas criancinhas
Apanha teu sapatinho de detrás da porta
Que papai noel não veio, vamos embora
Porque, o mundo?
O mundo sim! Esse nos espera lá fora.

MATEM-ME

Matem esses monstros de dentro de mim!
essa vergonha de chorar
esse maldito medo de falar
essa terrível solidão sem fim.
Matem esse monstro miserável de dentro de mim!
os grilhões que me aprisionam
as cordas que nos amarram
a febre que não quer passar
liberta-me desse corpo antes dele me matar
Acabem logo com esse conflito
esse jogo medíocre
essa briga ridícula de quem é mais forte
de almas salvas e condenadas
de céu azul e um inferno de larvas
alguém matem esses monstros de dentro de mim
e acabem de uma vez com essa eterna palhaçada
Sejam eles anjos ou demônios
acabem logo com isso antes que eles acabem comigo
até quando serei refém desses homens que ditam destinos
com tanto egoísmo
entre deuses e diabos eu sou geilson
um pobre miserável
matem esses monstros de dentro de mim
me deixa viver livre e morrer aliviado.

LIVRO V – SUBTERRÂNEOS

lidiane

Aqui a solidão fascina, só não pode se tornar amiga.

CUIDANDO DE MIM

Às vezes temos que deixar a onda nos acertar
Talvez para nos trancar pra tentar esquecer
Sei que faço isso pra ver se é bom guardar
Já que estou aqui tenho que cuida de mim para crescer

Difícil é conviver com alguém
melhor do que não ter ninguém.

AGORA

Como se houvesse o novo
Apesar de
Até minha mãe
Acabei me irritando
por vários empecilhos
fazer minhas compras
peço
desta vez
Manhã chuvosa

Todos os dias quando acordo

Não tenho mais o tempo que passou
mas se temos que dormir no mínimo
8 horas por dia como perdemos nosso tempo?
Fazemos planos para um dia
Mas as horas passam tão rápido
Que quando vamos ver só temos o tempo de dormir.

(assinar pra quê?
Por que razão, assinamos?)

ASSENTAMENTO I

SEREIA

arabô ayô!
arabô ayô!
odò iyá rainha!
tu que és musa
soberana dos poetas
embala toda essa gente
que faz terreiro no seu quintal
e clama proteção
em barquinhos de esperança
agita tua imensidão
em ventos salgados
e maré de bom agrado
para a brisa do teu cheiro
espalhar chuvas
de pipoca e canjica
no seu grande dia.

michel yakini

EU VOU FALAR DO MEU SANTO

até sua fé desabar
eu vou cantar pra Jurema
vou chamar as Pomba Giras
vou saudar Iemanjá
por mais que vocês tentem
demonizar nosso sagrado
cada vez mais cabeças
encontram seus Orixás
que os Deuses
nos livrem da ignorância
êparrei Oyá
eu só vou descansar no dia
em que a nossa língua materna
seja Guarani ou Iorubá

david biriguy

MAMÃE

mamãe,
como nunca suspeitei que era sua filha?
tanta onda batendo no peito
transbordando pelos olhos
salgando o rosto

carrego tantas pedras rochosas, mamãe
que pesa aqui no meio
pesa a cabeça
pesa às costas
e eu não alço voo faz tempo

sempre quis ser menina pássaro
mas já viu asa molhada bater, voar?
é tanta maré alta
que me sinto afogada em mim
e afogo tanta gente
até me permito morrer
pra achar alguma esperança de vida

dentro do mar tem buraco, mamãe?
se tiver eu tenho
esse entre as pernas
que já engoliu até gente que quis me desbravar
inocente, eu sou toda buracos fundos
e me banha água muito fria
não fui feita pra esquentar

mamãe,
eu nunca aprendi a nadar
no máximo bóio
mas eu queria mesmo era flutuar

mamãe,
me ensina a me equilibrar em mim?
me ensina a me mergulhar?
me ensina a não temer o amar?

me torna mar manso, mamãe
onde eu possa receber quem me saiba nadar
que eu carregue areia mais fina
pra que me queiram deitar
que minha cor seja o som de um blues

porque assim, mesmo que eu não receba ninguém mamãe
que eu me saiba contemplar

ÁGUA

Puro fluido abençoado padeço por ti
Pelas várzeas calcinadas nada
Passa janeiro fevereiro e o ano
Pesadelo no mesmo sem biodiversificar
Nativos dessa esfera o mercúrio que desce
deixa tudo sem luz, sem luz segue e leva
Leva leva leva levará do rio pro mar
Pensar em se compreender
pra saber deixar o rio correr
Ai eu yaô, deixar o vivo do ser reinar
Há muito tempo camarada engole seco
Colhe come fruto peco
corre atrás de carro pipa, pifa
E a história avisa
Se os olhos d'água do menino
não movem seus moinhos
Chuva de mágoa um dia
invade a sua casa
Molha sua crina
Invade a sua sina
A sua casa sua cama sua rua
Molha sua crina
Invade sua sina

MANDINGA

Hoje vai nascer um novo dia de harmonia e também conflitar
Novos ventos traz a melodia que gente esquisita
fez favor de apagar

Andam cultivando essas brisas adiantar o seu para outro atrasar
Não venham me quebrar a harmonia um banho de água fria
pra poder equilibrar

Só não alimente a covardia
não guenta com mandinga
não carrega patoá

É pra mirar certar é pra cair tombar é pra jongo jonga
não tem mandinga
não carrega patoá

LIVRO VI - JANELAS

tatiana nascimento

(m)usa

se a noite. escura puder ser vc

y eu puder ficar bem calada de palavras y descansar minhas papilas
gustativas de conceitos críticas concertos

y quiser só sentir o gosto souto
do vento mergulhand o céu da boca feitum pássaro revoa na noite concreta
um feixe de luz refluorescente

y couber ser mais nada que o gosto de saliva doce, hiato entre
lembrança-de-infância-y-memória-de-futuro, que mora o paladar
macio do seu beijo escuro,

então
já é

[pra k. souto]

(p)a(u)sa

vento é raiz do
movimento
quinem

planar é um (re)pouso
no meio do ar

y quem tá
com fôleg estreit
precisa é coragem y
mergulhar

ela canta

sua voz dançando de lá de
no meio de splashes de
louça de tins de pa
nelas de réstia de
desayunar tu
manhã

sua voz dançando de lá
um carinho no meu
plexo nu tímpano
(diz há) sossego
no vento meu
okã

INTERIORES

MEMÓRIA

tentaram me calar
atingindo o que mais de profundo tenho:
a minha memória
como é mesmo que se diz?
me mó ria
memória -ria, -riam
da existência preta
nossa existência
afim de apagar de vez o que até agora me torna viva:
me mó ria.
memória viva
eu tenho tu tem memória viva
nós temos
deveria ser o que cada preta e preto
em som grande
vibrante
e em sinais bem assertivos deveriam dizer.
deixe em paz a minha memória
e não ria!
ridículo
isso que você faz
não se enxerga não, branco?
quer calar a minha memória por quê?
onde já se viu?
querido, se a sua estrela não brilha,
por favor,
não tente apagar a minha
porque aqui o santo é forte
e eu tô protegida
não mexe comigo
e nem com a minha memória!

ALEMBRAMENTO

Alembro de um tempo
que o mundo
era maior, bem maior
e cabia dentro do nosso abraço.

Alembro do dia
que vi um canarinho
lacribeijando o sol,
lhe dando de beber.

Alembro de cores minhas,
Ausentes,
que por fim
não esbarro mais.

Alembro que eu gostava
de vagar por aí
a ouvirtude
que o silêncio dizia.

Até uma vez,
ainda miúdo,
me ensinaram
que “Alembra”
é um erro!

Depois disso,
tem coisa que não lembro,
mas do resto me alembro de tudo!

DE MISTÉRIOS DO RIO

como o rio passa e não se perde?
e ainda ensina a ser guardiã de mistérios?

sabe do rio, só o momento
quem mergulha naquela hora
ou passeia no raso
só sabe que vem onda ou barranco
quem conhece onde tem pedra

e sabe apenas daquela hora
e já perde o fio
lá adiante rio já transmuta
alguém represa
aí, na frente, vem leito liso, ou cascata, é caudal
do outro lado, praia, abismo, loca, grotas secas

é da natureza ser passageira, fluir e mudar

segue adiante
molha pirambeira, recôncavo, cabeceira
resvala
alimenta queda, cascata, corrente

o rio é
o rio há
o rio está
onde deve estar
para sobreviver
e avança
vai descansar no mar
sem morrer

AUTORESGATE

Há em mim um agreste
de vastas dimensões,
um lugar onde há
muitas palavras
e poucas definições.

O agreste, que me rege,
não existe no mapa
e o peso de sua fala
não cabe dentro
do tal agreste.

Meu corpo
que hoje se veste,
é um agreste desenterrado
pelas mãos que escavaram
este sujo poema.

Minha alma,
agreste sem dilema
ou causa,
paraíso no inferno
da calma, fúria
na palma do deserto,
é um lugar secreto
onde escondo
outras almas.

CÁRCERE

dedico-me ultimamente
à infeliz função de
carcereira.
tornei-me Bangu.
presídio
de segurança máxima,
para os meus poemas mais
inconformados.
apesar de vacilante,
tenho andado na linha,
seguindo rotinas,
contendo rebeliões.
às cinco da manhã,
transfiro
os versos,
à uma cela
cansada,
mal dormida.
e se ali, tentam fugir,
advirto-os
do horário.
às seis e meia,
na mira de cinquenta e três
corpos amontoados,
na estrutura metálica
e fria,
apaziguo sua revolta,
lembrando-os
das dívidas.
às sete e meia, o ponto.
não há reboição,
estão todos tecnicamente
contidos.

Control C
Control V.
e se algum mais ousado
se manifesta,
delete.
meio dia,
o Sol em Zênite.
em fileira, dor,
versos tostam a moleira.
e descontentes
berram,
liberta-nos!
silencio-os,
considerando o 13°.
quando trazem ideais
de sonho:
solitária.
em celas tão escuras,
quanto os rostos cansados
no pau de arara.
às dezoito horas,
na volta,
prendo um e outro
mais agitado,
no punho daquela
senhora negra.
o céu de nuvens craqueladas,
reflete o vermelho da sua revolta contida.
da soalheira das ventas infladas, o mormaço.
esta hora do dia, é a de maior periculosidade.
do contrário de vencidos,
eles.
no lugar de quem se entrega,
eu.
assisto passiva minha redenção.

cativa, daquilo que
em mim reprimo.
estou refém,
de um subverso,
expondo-me
a covardia.

COÁGULO

1

Ontem
juventude na praia
mordendo esfihas
apertando becks
bocas
anunciando vagas

2

hoje
o brilho nos olhos do
mendigo onde lavei as mãos
me lembrou seu sonho

(uma girafa no jardim
)

Et

gatos colorem todas as noites não estreladas
ou
(...)

místicos adivinham
o passado e cobram caro
o futuro é um líquido entornado

lembrei
restam as xícaras que roubamos
da pousada em Paraty
com as quais pensamos matar a sede
de toda uma geração
cega de poeira fina e cerveja barata.
vestir-se de pai de santo e sair gritando na Av. Paulista ou
Nossa Senhora de Copacabana ou Rua André Dias :
-eu tenho o parafuso que o branco precisa-

TROVOAR

Mãe uma vez disse
não há liberdade que assuste passarinho
a parte mais dura de voar é o pouso
melhor hora para semear é na trovoada

Todo dia a noite me lembra
os sonhos mais bonitos não podem ser recordados
cabe a nós a coragem de inventá-los vivê-los

E vai chover

E assim seguimos nós
abatendo vilões
idealizando heróis
correndo demais
sem olhar para trás
cadê nossos pais?
cada vez mais sós

E vai chover

Você já se acostumou
ou
Ainda sonha?

Agora anda como quem nada
faz silêncio feito o Atlântico destruindo edifícios

Levanta da cama
como vietnamitas dançando entre campos minados

Prepara café com o ânimo de uma viúva
penteando-se para o velório de sua neta

Fecha porta
com a perícia dum zagueiro fazendo sutura pós parto

Procura uma saída
como um aposentado
espera
o último episódio da caverna do dragão

E não vai trabalhar
como se desistir
fosse caso de atestado médico

Faz carinhos em cactos
como quem semeia pregos no asfalto

Perigando esquecer
o caminho que te fez asas

A liberdade te ensinou a estrada do fim
teu princípio é recomeçar

RESGATE

Espremida no cargueiro
massa
prestes a se homogeneizar
saca o fone de ouvido
e o mundo, barco triste,
se preenche de refrão.

Temporariamente autista
permanecerá partícula
resguardada na sua ténue

i n d i v i d u a l i z a ç ã o .

ARMADURA

Tenho medo de me apegar ao chão
acostumar a viver por baixo
e esquecer como se faz para levantar
mas medo de cair
eu perdi faz tempo.

Tenho medo que o meu amor acabe antes de ser feliz,
meus filhos guardem na memória a lembrança de um pai que não sou eu
que os amigos não me reconheçam quando nossas fotos ficarem velhas
mas medo da solidão
eu não tenho só.

Coragem é todo passo dado na direção oposta ao que somos quando até o
nosso maior inimigo passa a ser uma conquista
e nem o mais traiçoeiro fracasso pode desonrar a nossa luta.

Quando a gente vira freio
teme ser quem é
mas tem ainda mais medo de não tornar-se quem pode.

Só não tem medo quem
não tem nada/ninguém a defender.

Coragem é um combustível-combustão
surge quando impossível
não carece de permissão para fazer.

Defenda a sua história
sua alegria
defenda seu amor
Defenda-se
caso contrário, ninguém jamais lutará por você.

Sentir medo é ser humano
mas ter coragem é inventar Deus dentro de si.

Eis o último mantra, oração e armadura
para uma vida inteira:
coragem coragem coragem
Coragem
Coragem!

TRANSVERSAIS

manifesto cuíerlombola, ou

“tecnologia
ancestral
de cura
amor
y de
prazer”:

cola-velcro
é da diáspora
qüenda-neca
é da diáspora
morde-fronha
é da diáspora
gilete (“corta-
pros-2-lado”)

é
da
diáspora

viadagem
é coisa de pretx sim

queerências
é coisa de pretx sim

sapatonice
é coisa de pretx sim

transex assex bissex pansex
é coisa de pretx sim

o continente que inventou o mundo
inventou tb muitos jeitos de e
star no mundo

“gente é pra brilhar
não pra morrer”
sem nome

O objetivo deles era me apagar completamente

desde muito antes de eu nascer e de minha mãe nascer
 deixando a minha sanidade abalada desde sempre
 (não era pra eu nascer com a sensação de que estou perdendo tempo sempre.
 não era pra eu crescer com essa sensação e me esgotar pra provar que sou tão foda
 quanto e até melhor que.)
 das vezes que ressurgi desse genocídio diário que se expande à outras outras outras
 sentia o deboche
 as pedras
 os paus
 me acertando p. a. u. s. a. d. a. m. e. n. t. e
 fazendo da minha dor e da de tantas tantas outras
 uma dor lenta.
 me fizeram ver-me invisível
 de afeto por todos os lados
 de poemas de amor
 (lembramos sempre que gente preta e periférica também ama e sente amor)
 e eu fui...

...quase não me toco me sinto sereia
 quase me esqueço que nasci foi perto de mar rio lagoa e onde chove muito
 quase me esqueço dos perrengues que passei até encontrar essa força
 que aqui
 em voz fala ou choro ou grito
 grita essas invisibilidades todas
 é que me dói tanto essa tanta dor
 de esquecimento
 que com ela
 me recrio sempre
 e pretendo a

f
 u
 n
 d
 a
 r

fundamente

nesse processo
de recriar-me cada vez mais
do que a memória
ainda
latente
nas minha pele morna
me conforta.

DA COR DO ARCO QUE APARECE NA NUVEM NO DIA DE CHUVA

Lourenço é multidão
É meu amor antigo
É meu próximo mês
É meu pé em dança de me perder
É minha cabeça salva
É minha maior lenda de vida
Sou eu
É ele
É ela
É acordo de paz
É ajuntamento de minha gente em mim
É minha própria carta de navegação
É meu mais familiar enredo de liberdade
É minha voz sagrada
É o amparo que sustenta o meu corpo em qualquer tempo de queda.

BUDU

Já deu 7 horas
Jogaram a rede e o bobo malhou
Já vai se virar na praça
Disseram pra ele
que dois é bom, que três é melhor
Todos tem que ter sempre mais
Budu é brasileiro
Mas nunca teve um computador
Budu tem dois demônios
Um só pra ele outro pra alugar
Quando a coisa fica feia
“Quando o apito da fábrica de tecidos
Vem ferir os meus ouvidos eu me lembro...”
Já deu sete horas
Seus documentos faça o favor
Pode ir se virar na praça

DEUS E O AMOR PRA CRIAÇÃO – “PARCERIA”

E disse Ele
Não sei se ao terceiro ou oitavo dia
(creio que Ele precisou de mais um dia)
Pra trazer parceria pra a vida
de quem sozinho seria
Com a humanidade desenhada
e certo da perfeição de sua empreitada
não questionou nenhum dos sentimentos introjetados
Sabia que seriam capazes de manifestar
amor, de ser amigos uns dos outros
e pensou em algo que os diferenciou
fez da mulher e do homem amantes
Mas os homens se amaram tanto
que não houve encontro que pra Deus não fosse legítimo
Deus viu o João desejar se casar
com o José de Alencar
Viu a Flávia, que o marido a julgava “frígida”
apaixonar-se por Lígia, constituir família
e viver de maneira digna
Deus viu, então,
que o que precisava era tempero
Acabar com o preconceito daqueles que concebiam
que não gerar filhos do enlace dito “perfeito”
era sinal de defeito
Sei lá mais em qual dia (penso que ao trigésimo milésimo dia)
Deus estufou o peito e gritou: PARCERIAAAA
Disse, que todo par seria
aquele que ao outro amasse
com igual parceria
E não houve escritura que provasse
que o par que se formasse

“de fábrica”, “formadinho e pronto” sairia
O que Deus desejou e que de fundo queria
era que a gente
se amasse

COISINHA

temos aqui
muito categoricamente
aquilo que podemos relacionar
acerca das nomeações
inomináveis
inumeráveis
nomeações
sendo
para o momento
necessário somente a menção
daquele que bate
uma punhetinha todo dia
e é chamado securinha
considerado normal
podendo
se mamãe descobrir
e se o vizinho psiquiatra intuir
ser chamado
de transtorninho compulsivozinho punhetil
há porém aqueles
que batem uma punhetinha louquinha
agachado sobre cenourinha
e pode ser chamado de transtorno
compulsivozinho punhetil leguminal
outro comportamento avaliado
é o transtorno
da simulação de que caiu
na teia do homem aranha
travou luta e resignou-se
ao estupro do super herói
chamado transtorno de resignação
sexual ambígua ao herói aranha
O transtorno da ninfa selvagem

deglutidora de garotas virgens
sobre camas de alfaces
é outro dado que se pode avaliar
estudar comportamento semelhante
mas de produto variante
a de casais que dormem sobre fatias de bacon
transtorno do exibicionista que ejacula pela janela
transtorno da vovó que transa de gravata
transtorno que quem transa somente no dia trinta
transtorno de quem transa somente nos anos bissextos
transtorno de quem nunca foi além do papai-mamãe
transtorno de quem acha que só se pode
transar de noite e no escuro
transtorno disso
transtorno daquilo
transtorno este
transtorno aquele

LIVRO VII - PARALELAS

renato negrão

Chocar o galinha

o amigo
o turista

chocar o polícia
o mamãe
o ladrão

chocar o electricista

chocar o zezinho
é a coisa mais fácil que há

o crítico choca a si próprio

chocar o ídolo
é preciso

já ao artista
chocar
não é preciso
o mistério da cultura
como no passo do mágico
aboiou o currador
deste projétil
sob o benefício da lei
do ministério da aventura

acontecem

os enganos mais comuns
emenda rasura ou borrão
escrita susceptível

os principais erros
quem direito merecer

Pessoas (

categorias e
outros elementos
) por exemplo

guardar grandes volumes

tempo espaço

por exemplo
uma máquina específica a certa altura

cada planejador deve ser especificado pelo elemento

HABITANTES

MULHER EM CAMPO DE BATALHA

antes de ontem
parti porta adentro
do que aporta essa mulher torta.
encontrei alento
acalanto
nenhum tormento.
olhei meu rosto
meu corpo
no espelho
e me senti forte fértil florida
antes de ontem
encontrei uns brilhos no rosto
e me senti exposta
ao perigo de andar na
rua
que me mata
e mata minhas companheiras de luta
(ainda ouço os tiros ainda sinto os cortes abrindo espaço pro sangue correr)
corre menina, corre!
(e tiros e mais tiros e mais tiros)
corre menina, corre!
(e cortes e mais cortes e mais cortes)
corre, corre, corre!
(e sangue sangue sangue)
antes de ontem
pensei três vezes
se saía de casa
usando vestido esmalte batom
e parti porta adentro
do que aporta essa mulher torta:
encontrei um mar sem medo.
aí voltei ao espelho
mais certa de mim

mais forte que nunca
nenhum tormento farto
olhei meu rosto
minha pele meu corpo
e senti a força
da luta de outras
vibrar
vibrando
e sorri
e flori
e saí
preta,
linda e fértil:
mulher em campo de batalha.

MARIA ZÉ POVO

Maria Zé Povo dos Santos
caminha no meio da rua.
Vai compenetrada na vida.

Ela pensa no gargalo
da garrafa da cerveja
preta – doce -
que tomava quando teve seu primeiro
filho. Morto nas mãos da polícia.

A cerveja - era lenda? -
enchia seu peito de leite. O leite
enchia seu peito de espera. Esperança
cavada nas covas do rosto do filho
que sorria.

(Maria Zé Povo dos Santos
todo dia acorda aos prantos

recolhe a angústia em caixinhas
e a saudade em álbuns
de fotografia)

Maria Zé Povo dos Santos
caminha pela avenida.
Vai ao ponto de ônibus e na carga
dos seus ombros organiza-se o dia.
Vai sozinha entre tantas. Oprimida
entre o trabalho, o transporte e a retina
capaz de enxergar mentiras

a quilômetros. Maria Zé Povo dos Santos
constrói países e lidera
famílias

É por isso que ela anda
compenetrada na vida.

MULHER DE PALAVRA

sou mulher de papel
me compõe celulose e celulite

me derreto fácil
me arremesso frágil
me quiseram ágil
eu leito, tento

sou mole de iguais peitos flácidos
e seio farto
outrora plácido
hoje turbulento

minhas estrias são mapas
que não levam a lugar algum
são marcas de uma cansável aceitação
de quem já ousou caber nos incabíveis:
38, liso, moda, mídia, média ...
fracasso, eu não me caibo
meu mundo é vasto
número 44

punho de aço
cabelo em riste
o abraçar insiste
mas me mudo rápido
solidão persiste

amorenaram-me e eu amornei
me queriam quente
mas sou ardida
instantâneamente em 3' minutos
fico fria, vê?

como mulher meu papel
deveria ser o de cuidar da família
deveria ser o de servir meu esposo
deveria ser o de gerir cinco filhos
deveria ser o de criar os cinco filhos
e ainda cuidar dos cachorros
deveria ser o de propiciar gozo

mas eu devo e não nego
e essa dívida é uma dúvida
e na dúvida deixo o pagamento
em aberto

estou fora do prumo
não ando nas linhas
extrapolo as margens

sou papelote
sou só um risco na folha
e arrisco riscar poesias

eu rio ansiando amar

em mim, só o riso é frouxo
talvez os braços também
deixo todo o mundo escapar
permanece o que convém

as pernas são fortes
o chão é que me escapa
com mania de voo
poemas dão asas

eu não estou nos livros
por isso escrevo histórias
o avançar do calendário
demarca minha trajetória

sou mulher de papel
no papel e fora dele
que oxalá me permita, agora
ser uma mulher de palavra

SOLIDÃO DA MULHER PRETA

Eu sinto a solidão da mulher preta.
Hoje vocês vão sair com medo
de Buceta.

Vocês vão ter que me respeitar quando minha poesia eu acabar
de recitar.
Vocês vão ter que me respeitar quando minha poesia eu acabar
de recitar.

Mulher um ser que resiste e é firme.
Mulher quanto mais melanina tiver maior a sua dor,
pouco se tem amor.
Tudo isso para nós é um fator.

Você sabe o que é isso?
Claro que não.
Você que sempre foi feita para casar,
enquanto eu mulher negra,
nós, mulheres negras
servimos só para transar,
Saciara o homem branco.
Homens negros que também vive
a nos maltratar.

Mulher um ser que resiste e é firme.
Mulher quanto mais melanina tiver maior a sua dor,
pouco se tem amor.

É o quê?
É o quê?
Que você quer,
falando da solidão da mulher preta?
Que legitimidade você tem pra falar
da minha solidão.

Então,
você que sempre teve homens jogados aos seus pés
e fica pagando de vítima,
você pode até ter um cabelo encrespado mas
a cor da sua pele coloca você em
um lugar privilegiado.

Então,
não venha falar
porque você não sabe o olhar de um homem
para uma mulher preta,
só desejando transar,
saciar o bel prazer.
Enquanto com você ele vai andar de mãos dadas.
No final.
vai assumir como namorada.

E a mim,
a mim nada.
Eles me veem como nada.

Então, desgraça, largue desse vitimismo,
desse falso discurso
do feminismo
e fique na sua, porque solidão e feminicídio quem sofre
de verdade,
são as mulheres como eu,
as mulheres estereotipadas,
com traços marcantes de negras das senzalas ,

Fique na sua e assuma
seu privilégio
e tente combatê-los,
mas não venha falar da solidão
da mulher preta
porque você não tem direito!

LIVRO VIII - SENTINELAS

emanuelle aduni

IRMANDADE

Quero falar de mim
Mas primeiro preciso falar delas
De cada uma
A que me inspira
E a que expira o tempo em mim
A que me tira a respiração
E que a me dá o ar que respiro
Cada uma delas me dá um caminho
Uma visão
Uma sensação
Elas estão
Em todos os tempos
Em todos os poros
Em todas as gerações

NINA EM TEMPOS

I
O primeiro encontro
Ainda adolescente
Um sábado
Noite e sala vazias
A procura de uma companhia musical
Estações de rádio, Nina
Ouço e gosto
Ainda adolescente
Deixo Nina na sala.

II
Segundo encontro
Casa vazia
Noites sozinha
Nina me reza com uma canção
No piano ela faz uma prece
Com o tempo fui feliz

ELA

(Luiza Bairros)

A canção que não fiz
Na chegada
Na partida
A canção em mim foi toda silêncio
A canção pra você foi entoada pelo vento
O corpo que ventava cantando liberdade
O canto do Ilá dos dois mundos anunciava
Livre. Agora. Borboleta.

MARIELLES

São muitas
Marés
Vai e volta
De novo, de novo
Ondas insistentes
Transborda as pedras
Vai além
Diz seu nome
Ecoa nos Tempos
Presente
Semente
Sempre
A minha alma dança
Para os mortos
Agradece e prepara
De novo, de novo

VERA "POESIA" LOPES

A palavra em sua voz torna-se um encanto
Que o vento arrebatava
Em mim parece rascunho
Com ela a poesia gira, movimento
O que em mim só deságua
Nela, é água doce
Que corre macio
Na sua voz a poesia roda
Dança ciranda
Vira cantiga, canção
Em mim, casulo
Com ela borboleta

JARDINS

LADY BANKIVA

Ela era boa de beijo e de briga
Quase me arranca um pedaço da boca
Ela era galo de briga Bankiva
Nativa DJ e de dia
Vi que na sua transgeografia
O Rio Vermelho é estrada da rainha
E da Bahia o Rio corre distante
Pensei que não mas do meio da rua ouvi
'Olha pro léu infinito
Somos da rua azeviche
Olha você já é outra
Aconteceu
Fala outra língua se a flor
Do lácio quer te enrolar
Faz como a noite amanheça
Deixa passar
Olha pra rua querida
Pensar não te deixa louca'
Ewé dilua dilua dilua

mariella santiago

MOÇO PRETO

Ele tem a manha de criar o ato que ilumina o dia
Bom dia é um áudio cantando em desafinada paixão
Muita pose de sério e marra
só disfarça a alma vadia
Se veste de encanto poeta
De olho no céu sem limite da ascensão preta
Ele escreve sobre mais uma treta
Desculpa para citar um rap antigo
Chance de exhibir a herança favela
como joia
Sabe ser preciosa
a sobrevivência que não se enquadra na tela
E denuncia o sangue que escorre nas ruas
Ciente do que é estar vivo
ri na cara de quem o subestima
Joga nos peitos do mundo mais uma rima
Tudo que é bom pra ele é FODA
Do simples, se preenche
Pessoa plena é assim mesmo
com uma gota só transborda

ARMADILHAS (FIRME)

Por dias melhores
Firme
Longe da miséria, da covardia
E do crime
Olhares desconfiados
Nós os pretos sempre vigiados
Tire seus olhos de mim
Enfim...
Tá certo que nunca fui tão bom assim
Ruas trágicas
Veja minha trajetória
E enxergue meu fim
Crime ou castigo
Entre a pele escura e a bala
Um romance antigo
Um tanto tenso
Perverso
Eu não entendo
Esse buraco
Um furo
Sem lembranças
Sem passado
Sem futuro
Ainda que estreito
Ainda que sozinho
Princípio
Existir
Caminho
Firme não vou cair

O CHEIRO DA MEXERICA

Sedentos dedos
 lhe puxam
 a vida
Cada gomo à mostra
 é uma ferida
As mexericas
espirram lágrimas de sumo
a cada casca
em despedida
E à medida
em que se descasca
o suor da fruta
encharca o corpo
que sente o suco
escorrer a boca
por mordidas
findas
De
gomo
em
gomo
não há saída
Só resta o cheiro
da mexerica

nívea sabino

ASSENTAMENTO II

DO PAÓ

(para Iyá Dora ty Oiyá)

do dia da caça...
de todo dia ser de Òsósí caçador

da espada e do escudo de Ogun
da força das cachoeiras abundantes de Osun
da ventania purificadora de Oiyà
de, sob o alá de Òsàlá, manter-ser a salvo
dos olhos perigosos...
dos covardes

daniela luciana

OLUGBALA

sentada no ônibus
eu o vi
descendo a Catedral,
entre o grau 15° e 20°,
da cidade sonhada.

ele, parecia um raio de Sol.
nas minhas vistas,
miragem,
sonho.
ainda que triste
o cenário.

o chinelo gasto,
quase descalço, no asfalto pelando quente,
atravessava o mar de carros.
os vidros, de súbito
fechavam.
ele olhava
como quem diz:
perdoe-os,
eles não sabem o que fazem.

parecia carregar
a caixa dos milagres do mundo.
oferecia-os como se fossem balinhas,
doces.

cruzou a rua.
contou as moedas.
o vi repartir a água
e o salgado com seus iguais.
sorriam como se fosse banquete.
como se a dor jamais fosse voltar.

senti no peito
um desejo tremendo
de pô-lo em meus braços,
de carregá-lo no colo,
de acariciar seu rosto e
massagear seus pés pequenos
e cansados.
pedir-lhe perdão
à inocência roubada.
eu vi
no semáforo,
uma luz.
era Jesus,
e ele era um menino preto.

SOBRE OS SOLOS FÉRTEIS DA IGUALDADE

Ainda persiste o olhar
que a mim difere
que profundo fere
que segregar prefere
por questão de tom
de cor
de pele
Depois de escravizar
de pseudo-libertar e
desqualificar
do meu cabelo à minha crença
no meu orixá
Vejo surgir um cortejo
feito marujada que passa
um canto
um coro
um real esforço
para se reparar
o que não se repara
Reflexos de uma história
que por nós
enfim
começa a ser contada
O povo negro resiste
no saciar da sede
que mata na seiva
das próprias raízes
Um fazer plantar
fulo
dignidade
através da dança
na luta
germinadas ao suor

nívea sabino

que escorre da bruta labuta
Buscando
no seu penoso caminhar
experimental do sabor da fruta
da polpa
do paladar
do direito pleno às oportunidades
sobre os solos férteis da igualdade

É DE OXALÁ

I
Pisei no Axé
filho de Odé
apostaram para mim
Sem entender o que era xirê
eu aprendi assim
Mais velhas, mais velhos
tem que salvar
independente de orixá aprendi
digo motumbá
ao meu lado o senhor do ofá
não me deu as costas o caçador
quando bati cabeça
salvei okê arô
então decidi, eu prossegui
primeiro passo
abyan
ainda sem entender, partiu de mim fazer
salvar Ogun
Iansã
também não deram as costas, não
pedi ao pai a confirmação
pelo itan a explicação
de repente tanta informação
resumidas ao que eu senti
quando o senhor do alá me acolheu
eu entendi

É de Oxalá, é...
É de Oxalá,
É de Oxalá, sou do Candomblé
É de Oxalá
Amor, Respeito, Amizade
diga Axé!

II

Soa nos búzios ecoa nos obis
a resposta de Orumilá voz do Ifá
Babalaô saldou Epaô Epa Baba!
as miçangas desse fio é de Oxalá

É de Orixá a rim'Axé feita em mim
verso oriki porcelana ibá marfim
poema igbi sapiência senhor do ori
de Obatalá é o batá que bate aqui

É de Olodumaré o desejo inaugural
razão humana crescimento vegetal
o império do minério o instinto animal
de Orixalá é a terra a esfera natural

É de Oxaguiã a espada idá
o escudo o nhamé amassado do Obá
opaxorô pombo equilíbrio sensatez
de Oxalufã é o cajado que a tudo fez

ALICERCES

MINIBIOGRAFIAS

ba kimbuta (SP)

Obra musical: Universo Preto Paralelo (U.P.P.) - álbum (2012)

Email: pretba@gmail.com

bélico (BA/PE)

Obras litero-musicais: OQuado - álbum (2012), OQuado Seu Roque - álbum (2017)

Email: ivanigro@hotmail.com

*Bélico é uma assinatura estética de Ivan Nigro aka Rapper Feeza (oquadro).

berimba de jesus (BA/SP)

Obras publicadas: Encarna (2008), Multívo (2010), Arrabalde (2012)

Email: berimbajesus@gmail.com

daniela luciana (BA/DF)

Obra publicada: Ogum's Toques Negros , coletânea (2014)

Email: danilucianapr@gmail.com

david biriguy (PE)

Obras publicadas: “Útero de retratos mundanos” (2013), “poemas sem cabrestos” (2014), “Correspondências ao acaso” (2018), todas pelo selo Lara Cartonera – Belo Jardim/PE

Email: henrique.biriguy@gmail.com

dinha (CE/SP)

Obras publicadas: De passagem mas não a passeio (2006), Gado cortado em milprantos (2017). Email: marianilda@usp.br

emanuelle aduni (BA)

Sem obras publicadas

Email: emanoellegoes@gmail.com

fabiana lima (BA)

Sem obras publicadas

Email: negafya@gmail.com

geilson de andrade (BA)

Sem obras publicadas

email: geilsonreis2015@gmail.com

giovane baffô (SP)

Obras publicadas: Delitos & Deleites (2010), Pequenos Golpes (2012), Ponte Pálpebra (2013), Sonho de Bicho (2016), A Maior Dor do Sol (2018)

Email: bafogi@yahoo.com.br

jorge augusto de jesus silva (BA)

Obras publicadas: “Antilogia” (2011), O diferencial da favela, Enegrescências, Diversos afins, Germina Literatura. Não tem livro autoral

Email: jorgeaugustodamaia@hotmail.com

kika sena (AL-DF)

Obras publicadas: Marítima (2016), Periférica (2017).

Email: sereiavulcanica@gmail.com

lande onawale (BA)

Obras publicadas: O vento (2003), Kalunga - poemas de um mar sem fim (2011), SETE - diásporas íntimas (2011)

Email: landeonawale@yahoo.com.br

lidiane (BA)

Obra publicada: Vida na Cadeia ou Válvula de Escape ou O que faremos de nós - coletânea.

Email: denise.carrascosa@ufba.br

luna vitrolira (PE)

Obra publicada: Aquenda (2018)

Email: lunavitrolira.poesia@gmail.com

luz ribeiro (SP)

Obras publicadas: eterno contínuo (2013), estanca/espanca (2017)

Email: luzribeiro.poesia@gmail.com

mano teko (RJ)

Obra musical: Procedr - ep (2015), KoléAtividade - coletânea (2015). Participação com o parceiro Buzunga nas coletâneas: Master Rio Rap (1995), Momentos do amor - Funky Melody (1997), Paradoxx Black Music Brasil (1997), Clássicos do rap (1999) e outras.

Email: mcteko@gmail.com

margô paraíso (BA)

Obras publicadas: Ezequiel (2108), Contos ordinários de melancolia (2017) [é assinado por Ruth Ducaso

Contato: lucianyaparecida.art.br

*Margô Paraíso é uma das assinaturas estéticas de Luciany Aparecida. Contos ordinários de melancolia tem a assinatura de Ruth Ducaso

mariella santiago (BA)

Obras literomusicais: Mariella - álbum (2002), [In] Tudo que é canto - EP Virtual (2010), Ella - álbum (2015), Ella é do Brasil - DVD (2018)
Email: mariellasantiago@gmail.com

meimei bastos (DF)

Obras publicadas: , Antologia Mulher Quebrada (2015), Um verso e mei (2017)
Email: ameimeibastos@gmail.com

michel yakini (SP)

Obras publicadas: Desencontros (2007), Acorde um verso (2012), Crônicas de um peladeiro (2014), Amanhã quero ser vento (2018)
Email: michelyakini@gmail.com

nelson maca (PR-BA)

Obra publicada: Afro-rismas, com Pablo Dinada (2014), Gramática da Ira (2015)
Email: nelsonmaka@gmail.com

ni brisante (BA-SP)

Obras publicadas: A revolução dos feios (2017) , Tratado sobre o coração das coisas ditas (2016), Para Brisa (2015), Se eu tivesse meu próprio dicionário (2014). Email:nibrisant@gmail.com

nívea sabino (MG)

Obra publicada: Interiorana (2016).
Email: nivearp@gmail.com

pingo do rap (RJ)

Obras literomusicais: Força do Rap - álbum (2000), Quebra Kabeça - álbum (2015)

Email: pingodoraprij@gmail.com

renato negrão (MG)

Obras publicadas: Os Dois Primeiros e um vago lote (2004), Os Dois Primeiros e um vago lote. Audio-Livro (2012), Vicente Viciado (2012), A Lo Mejor, 1o . (2014)

Email: oficinapalavraimagem@gmail.com

roge weslen (PA)

Sem obras publicadas

Email: roge.weslen12@gmail.com

tatiana nascimento (DF)

Obras publicadas: “esboço” (2016, padê editorial) / “lundu,” (2016, padê editorial) / “mil994” (2018, padê editorial) - www.pade.lgbt

Email: palavrapreta@gmail.com

ISSN 2447-4088